

O BELO E O SUBLIME

*Bárbara Maria Brandão Guatimosim**

RESUMO:

O texto aborda o belo e o sublime como intersecção e como barreira (o belo) e via de acesso ao desejo (o sublime). A partir da contribuição kantiana à noção de sublime, juntamente com o afeto de angústia que o caracteriza, pode-se tomar o conceito de sublimação como uma forma de bem dizer, que participa de uma estética trágica e barroca, consoante com uma ética do desejo impuro. A partir dessa elaboração, seguem-se as conseqüências disso na transmissão da psicanálise e na formação dos analistas.

PALAVRAS-CHAVE: Belo. Sublime. Ética. Desejo. Angústia.

* Bárbara Maria Brandão Guatimosim, psicanalista, membro da Associação Fóruns do Campo Laciano – Brasil. Organizadora do livro “Em torno do cartel” – Edição da AFCL, 2004. Artigos publicados em várias revistas e coletâneas de psicanálise. End.: Av. Bandeirantes, 599/501, Sion, BH, M.G. Cep.: 30.315000
E-mail: bguatimosim@bol.com.br. Tel: (31) 3281 6121

Lacan em seu seminário da ética aponta três barreiras no acesso à verdade do desejo: a barreira do bem, a do belo e a barreira do pudor. Para Lacan (Seminário VII, A ética da psicanálise, 1960, p.280.) “é a barreira do bem que levanta uma muralha poderosa na via do nosso desejo. É mesmo a primeira com a qual lidamos a cada instante e sempre.” O bem nos introduz no campo da privação e do benefício (doação) humanos. O bem nos é tirado ou dado por um outro. Ficamos aí no nível do laço imaginário que o pequeno outro, o semelhante impõe e, preocupados nessa economia, entre ganhos e perdas dos bens, fica-se, muitas vezes, incapacitado de usufruir dos mesmos.

Já com relação à barreira do belo, que pretendo tratar aqui, Lacan (1960), percebe que está em um ponto próximo e crítico do acesso ao desejo, mas também zona ambígua e delicada.

“A verdadeira barreira que detém o sujeito diante do campo inominável do desejo radical uma vez que é o campo da destruição absoluta, da destruição para além da putrefação, é o fenômeno estético propriamente dito, uma vez que é identificável com a experiência do belo – o belo em seu brilho resplandecente, esse belo do qual disseram que é o esplendor da verdade. É evidentemente por o verdadeiro não ser muito bonito de se ver, que o belo é senão seu esplendor, pelo menos sua cobertura” (LACAN, 1988, Seminário VII, p.265.)

Lacan comenta ainda que se o belo detém, ao mesmo tempo indica o sentido em que se encontra o campo da destruição absoluta, o campo central do desejo, Das Ding. Aqui se pode fazer questão e tentar investigar o que há no belo que impede o desejo e o que aponta, faz ponte e o viabiliza, introduzindo neste ponto, a distinção que há entre o belo e o sublime. A diferença entre as duas palavras, se Lacan não acentua, observa, entretanto, com base nas observações de Kant no texto em que discute o sentimento do belo e do sublime que

“A conjugação deste termo (sublime) com o de sublimação não é propriamente um acaso, nem simplesmente homonímico” (Lacan, 1960).¹

Kant, no texto mencionado, trata a noção do belo como sendo aquilo que encanta no limite da superfície, aparência, forma; é da ordem de um prazer agradável, harmônico, talvez da ordem do princípio do prazer, contido em sua economia de redução das tensões. Já o sublime, o filósofo liga-o ao assombroso, profundo, aquilo que provoca comoção. “O sublime comove, o belo estimula” ou encanta. (Kant, 1764, *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, p.21.) Kant segue em seu texto classificando coisas que seriam belas e sublimes, mas o interesse aqui é apontar que o diferenciador das duas experiências, o que Kant introduz entre os dois termos é algo da ordem de uma marca trágica de destituição. É possível inferir ser esta ultrapassagem, que nota Lacan, (1960) ao observar a ambigüidade do belo.

“Há uma certa relação do belo com o desejo. Esta relação singular é ambígua. Por um lado, parece ser possível que o horizonte do desejo seja eliminado do registro do belo. E, no entanto, por um lado, ele não deixa de ser manifesto(...)o belo tem por efeito suspender, rebaixar, desarmar, diria eu, o desejo. A manifestação do belo intimida, proíbe o desejo. Não quer dizer que o belo não possa com o desejo, em tal momento se conjugar, porém muito misteriosamente, é sempre sob esta forma, que não posso designar de outra maneira senão chamando-a por um termo que traz em si a estrutura da passagem de não sei que linha invisível – o ultraje. Parece todavia, que é da natureza do belo permanecer, insensível ao ultraje”. (LACAN, 1988, Seminário VII, p.290.)

O belo, portanto, pode refletir como um espelho o desejo – esta sendo então a dimensão imaginária, aquela que imobiliza na idealização e impede o desejo. Mas há a ultrapassagem que, como se segue na citação acima é da ordem de um ultraje, que quer dizer, em um sentido primeiro, “ir além de”, além do fascínio do belo, deste amor sem desejo. Há então no ultraje uma relação com o desejo na experiência de busca do real da verdade.

¹ E ainda “Sobre o sublime, ainda não extraímos das definições kantianas toda a substância que podemos obter”. Seminário *A ética da psicanálise*, p. 361.

É nesta via que Freud (1916) leva a discussão com o poeta em seu artigo “sobre a transitoriedade”. Enquanto o poeta menospreza a beleza fadada a perecer, Freud enaltece-a argumentando que é exatamente a dimensão da morte, (e precisando mais, do vazio, da castração) que engrandece a nossa fruição e que redimensiona a noção da beleza – beleza aqui não mais ideal, como queria o melancólico interlocutor de Freud, mas sublime, ou seja, para além do belo ideal imaculado, estático, especular, homo, temos o sublime que transita entre a vida e a morte, marcado pelo tempo, pelo paradoxo humano, pela divisão subjetiva, indicando então a diferença radical, o singular, o *héteros*. Podemos ver este o efeito estético no barroco ao subverter a beleza clássica, ultrajando através do *pathos* a superfície da harmonia grega que, depois das volutas angustiadas e retorcidas das linhas que cedem ao trágico, só se sustenta como padrão em um regime totalitário.²

Diz-nos Freud (*Sobre a transitoriedade*, 1916, p. 345) no texto mencionado: “Mas essa exigência de imortalidade, pode ser tão obviamente um produto de dos nossos desejos, (...) o que é penoso bem pode, não obstante, ser verdadeiro”. De outro modo nos fala Lacan que esta verdade última que o belo trata de encobrir, para além do bem e do mal, não é nada bonita de se ver. Há pois certamente que se ter coragem; não a coragem do investigador científico, que tem que chegar lá, a qualquer preço, no saber do real. Mas talvez a coragem de Freud, Lacan e outros, a coragem do investigador analítico, que não pode escapar *a*, uma atenção ao chamado do que não pára de insistir.

É por esse caminho atravessado por um trágico estrutural que a psicanálise nos envia a outra dimensão ética e estética: uma ética impura, uma estética barroca, não como estilo datado, mas como uma ação que sempre retorna, fora do tempo, intempestiva, sempre

² Por exemplo, na arte oficial Nazista, de inspiração helenista, onde se prezava a harmonia das formas simétricas e equilibradas, visando criar um simulacro do universo ideal, fazendo vigorar uma única verdade estética, aliada à aspiração de pureza moral e física. Isso se conjugava a uma monumentalidade e grandiloquência que invadiu a cultura alemã, nutrindo e arregimentando a servidão pelos efeitos de coerção e de fascínio gerados por esta arte espetacular. A arte moderna era considerada “arte degenerada” e comparada com a produção dos doentes mentais. Sobre a estética Nazista ver o filme “A arquitetura da destruição” de Peter Cohen.

prestes a irromper na cultura, onde a morte se imiscui na vida, os estipulados como contrários se entrecem e onde o paradoxo humano dá lugar a deformações, curvas e dobraduras que gestam novas formas de expressão, mantendo abertas fendas imprevistas que liberam o espanto e a surpresa.

O sublime traz sempre a marca da morte, uma universal, convocando o traço mais particular, a marca singular, resto ímpar da castração de cada um. A experiência do sublime produz uma comoção estética, que não sendo paralisante como o belo, traz em si a tragédia da incompletude, e nesta, a verdade, que, sabe-se, não é toda. O sublime remete o sujeito ao liame da sublimação. E mesmo se Freud não se refere a este termo - sublime, mesmo se algumas vezes recua diante do enigmático e incompreensível é difícil não ver o quanto seus textos dão testemunho do seu interesse pelo imponderável e, por menos que os explique, não os nega³. Mas Lacan não deixa de ver uma conjunção entre o sublime, a sublimação e o desejo, a partir das questões que propõe sobre a função do belo.

Ao “belo não toque nisso” que reflete o desejo, vai-se além, até ao sublime tocante ao isso – que toca nisso fazendo aí ressoar, não por acaso, o gozo Outro, ligado ao real que padece o significante em sua impossibilidade de dizer tudo, e, ao trespassamento da linha que faz fulgurar algo da coisa-causa do desejo. O sublime tem portanto uma relação estreita com o desejo que ultrapassando o amor ideal, envia a um novo amor a verdade que é ainda , nesta desidealização, desejo de verdade, esta que o causa.

Clinicamente podemos dizer que uma análise inicia-se com o insulto (saltar sobre). Assistimos o fato de como o sintoma – belo bem do neurótico – é um insulto ao real do sujeito. Percebe-se aí que o que o analista faz quando faz análise é responder ao insulto com o ultraje da interpretação (pois o ultraje não violenta, não assalta, mas lança algo a mais

³ Temos disso um exemplo claro em seu texto *O Estranho (Das Unheimlich)*, de 1919, onde Freud ressalta o esclarecimento de Schelling sobre o termo: “ ‘ *Unheimlich* é o nome de tudo que deveria ter permanecido... secreto e oculto mas veio à luz.’ ” p. 242.

ou a menos que ultrapassa e descompleta, fazendo vacilar a certeza do sintoma). Intervenção que se tiver o aporte de um ato pode, ao desvelar a estética do sublime – maculação do belo – viabilizar a patética do desejo - esvaziado dos bens – em uma ética do real.

A histeria é bela, a obsessão também; ou, pelo menos, tentam ser. O depressivo tenta preservar a beleza ideal intacta do objeto perdido, fazendo como se este assim não o fosse, desde sempre. O sofrimento mórbido é o esforço neurótico e nostálgico que o indivíduo faz de recuperar um suposto estado anterior de coisas, um presumido estado privilegiado onipotente e imaginário, uma estética esférica. É inegável que as pessoas podem viver toda a vida nessa busca e morrer na mesma. Aos que desconfiam dessa perda de tempo, dispêndio de vida e de que o sofrimento obtido é maior que o conforto esperado, o analista oferece seu desejo, colocando em questão essas tentativas eufêmicas de tratar a falta, a castração. É quando o trabalho de luto pode desarmar a guarda das construções fantasmáticas cristalizadas, em direção à constatação da impossibilidade do gozo total, perfazendo outro caminho que se abre ao gozo da escritura, na marca criativa que o sujeito pode fazer na vida, no amor e em seu trabalho. Traçado diferente das marcas dolorosas às quais o sujeito se inflige ou se submete, onde adivinhamos, apostando na estrutura, a prescrição insistente do inconsciente, prescrição da castração aí por vezes tão mal ouvida, que transforma um corpo em campo de sofrimento. A arena analítica é outra.

Não há porque então, na função de analista, brigar com o sintoma; isto seria revidar e refletir com um insulto, aquele que já o é. Ao contrário, podemos pensar que a prática analítica – e não há prática sem ética – é exercício ultrajante, podendo o termo ser tomado mesmo onde ele afronta, *o-fende*; isto é, o ultraje desacomoda porque provoca um mal estar onde era um estar mal. Permite descolar o sofrimento do sintoma e levá-lo à categoria de inevitável dor do sujeito que sofre do desejo. Toda esta reflexão leva facilmente à questão da transmissão da psicanálise – transmissão que se faz furada, vazada de

significações apriorísticas, permitindo o sentido desatrelado, que por sua vez, atrela quem se toca, no trabalho de aí se implicar.

O discurso totalitário não só responde mal ao mal estar, como também provoca um mal a mais no mal estar. As respostas científicas, pseudo-científicas, econômicas, mundanas, enfim, ditas civilizatórias compõem-se muito freqüentemente de formas as mais variadas de insultos ao sujeito que já peleja em desejar na civilização.

A escola de Lacan foi proposta para, no exercício da transmissão e da manutenção da psicanálise, dar lugar a construções de respostas diferentes. Deveria servir de base onde se possa operar com o objeto causa do desejo que nos fixa, em uma produção não bela, nem benéfica no sentido sintomático da busca de paliativos, mas na produção sublimatória, no sentido mais amplo do “bem dizer”. No alcance ainda em que lhe dá Lacan (Seminário XX, *Mais, Ainda*, 1973, p. 94.) ao tomar, por exemplo, o amor cortês como paradigma da sublimação, como sendo a forma mais elegante de se lidar com a ausência da relação sexual. Elegância lógica e poética de se extrair do dano, a dama - reduzida ao abjeto causa do desejo, o objeto *a*.

Retomando, Lacan aponta três barreiras no acesso à verdade, mas podemos reluzi-las matematicamente a uma: tudo que é absoluto torna-se um bem supremo, portanto, barreira. E quanto ao pudor, se não o tomarmos no sentido da pudicícia, de uma moral pudica, esta talvez seja uma barreira a não se transpor ao ser a presentificação da barreira do incesto, diante da qual nos fica a arte de cingir a coisa.

Talvez, o fundamento das nossas restrições às psicoterapias vem da constatação de que não é possível melhorar uma ética. Não há nada de novo em terapeutizar a ética dos bens. Prótese é prótese; e continua sendo prótese mesmo se mais bela. A aposta no trabalho na via do desejo leva radicalmente a uma transmutação de base.

É bom lembrar que a ética psicanalítica não implica em uma escolha absoluta, o gozo absoluto do desejo puro, na qual a ordem dos bens do mundo não existiria. Por sua vez, uma escola absoluta torna-se barreira não só ao mal estar da civilização – a qual deveria estar aberta, em escuta – mas também à manifestação do desejo, verdade de cada um.

Evidentemente toda instituição participa da relação dos homens com a ordem dos bens. O que a subversão que a ética psicanalítica introduz, é a opção de não se ficar patinando nesta ordenação, pois da mesma forma que ir além do pai não é eliminá-lo, deve-se ver que o que a psicanálise propõe não visa despossuir as pessoas daquilo que as mantêm, ou daquilo que lhes dá conforto. A psicanálise não leva ao ascetismo; para isso já existem certas ordens religiosas. Na psicanálise a despossessão é outra, e o sacrifício, o da libra de carne: é uma mudança na raiz daquilo que orienta o sujeito, visado como sujeito do desejo. Trata-se, pois, de uma reorientação ética radical e não absoluta.

A contraproposta da escola é fazer uma releitura da instituição tradicional que se cola em seus bens de identificação e de hierarquia. Contraproposta que deve ser vista como consequência lógica de uma práxis - na qual d'isso, o sujeito deve advir - daquilo que a escola se propõe a transmitir. Imperativo ético que, diferente de outros, ordena transpor a condição de objeto, a linha imaginária do espelho, para que o exercício do desejo possa existir para cada um na sublime diferença. Imperativo paradoxal, pois o ato de cumpri-lo descumpra o dito do Outro, o “tu es” (*tuer*).

A escola em descolagem e em decolagem como propõe Lacan (1980, Seminários da dissolução - *D'écolage*) é fazer com que a formação do psicanalista possa elevar-se distintamente da posição narcísica e anaclítica, descolar-se do campo das identificações, dando chance ao real do desejo de vigorar sobre a necessidade de proteção paternalista e do jugo das maestrias institucionais. A formação analítica em Lacan toma seu

valor e seu rigor ao tornar-se formação do inconsciente em trabalho - a partir da colocação em causa do objeto *a* – pois *ser* analista é *estar* sob o efeito dessa causa.

Gostaria de acrescentar, pensando em certas concepções purificadas de sublimação, simplesmente obreiras, artísticas ou racionalistas, que é à certeza íntima de algo sublime, índice da presença real do objeto, à esta “apresentação do inapresentável”⁴, que Lacan associa o passe em sua exposição sobre a experiência do dispositivo em 1973:

“Pode o passe por em relevo, diante de quem se oferece a ele, como é capaz de fazer um relâmpago, com uma luz totalmente distinta, um certo setor de sombras de sua análise? É uma coisa que incumbe ao passante. Posso assegurar-lhes, e creio que do jurado de confirmação ninguém, nem sequer Leclair me desmentirá, que o passe foi para alguns uma experiência de absoluta comoção”.⁵

Não é sem cuidado que se delega, além de outros critérios e balizas, a um “juízo íntimo” a constatação do cartel do passe de que houve uma transmissão do desejo do analista e do efeito de ser da destituição subjetiva. Este dado que produz uma certeza não é, evidentemente, qualquer sentimento volúvel. “Comoção” - Este termo tão forte não deixa aqui de evocar a angústia,⁶ o único afeto que não engana na indicação da verdade e que por sua vez, Baas (*O desejo puro*, 1992, p.76.) nomeia “afeto sublime”. Porém, para Kant, a experiência do sublime se acompanhada de entusiasmo, fica privada de qualquer valor ético, já que “ A lei da razão prática só deve realizar-se pela razão”, sendo “o respeito o único sentimento moral puro”. (Lyotard, *lições sobre a analítica do sublime*, 1991, p.57.)

Diferentemente, para Lacan, é precisamente o entusiasmo que deve acompanhar, no final de

⁴ Expressão com a qual Bernard Baas (1992) designa o sublime em seu livro *O desejo Puro*, p.52.

⁵ “(...) *une expérience absolument bouleversante*” no original. *Sobre a experiência do passe*, p.57.

⁶ Lacan usa o termo *émoi*, bem próximo de *bouleversant*, para falar da emergência real do objeto no seu esquema do seminário da Angústia. *Émoi* é também o termo com que Lacan designa o raio do desejo, provocando o campo de brilho, no momento da ultrapassagem, em sua análise de Antígona – “*Émoi* nada tem a ver com a emoção, nem com o emocionar. *Émoi* é uma palavra francesa que está ligada a um verbo muito antigo, *émoyer*, ou *esmayer*, que quer dizer propriamente *faire perdre a quelq’un*, eu já ia dizendo *ses moyens* se não fosse um jogo de palavras em francês, mas é justamente da potência que se trata (...) Uma comoção, como todos sabem é algo que se inscreve na ordem das relações de potência entre vocês e, propriamente falando, o que faz com que vocês as percam”. Seminário *A ética da psicanálise*, p.302.

análise, a transmissão do desejo do analista, este, que não se suporta na ética de um desejo puro.

Mas se “o trovão rege os todos enquanto diversos” e assinala no passe a afecção de uma certeza, como aponta Lacan no texto mencionado, esta experiência de comoção não necessariamente atinge todos, pois não participa do consenso, de uma partilha universal. Ao contrário, é uma afetação decididamente contingente.

Seguindo a leitura de Lyotard (*Lições sobre a analítica do sublime*, 1991, p.222.) é ainda o sublime que transtorna o universo moral e estético kantianos, mesmo se, para Kant, a elaboração da crítica do sublime, a passagem do belo ao sublime, não afete seu projeto filosófico. De acordo com Lyotard, a moralidade em Kant implica intrinsecamente a exigência de sua partilha universal, análoga nisto ao sentimento do belo e do gosto. Mas o sublime escapa às exigências de partilha universal. O autor cita Kant: “não estou autorizado a pressupor que outros homens as levarão em consideração”. E conclui assim sua analítica do sublime:

“Nem universalidade moral, nem universalização estética, mas antes a destruição de uma pela outra na violência de sua contenda, que é o sentimento sublime. A própria contenda não pode exigir, mesmo considerada subjetivamente, ser partilhada por todo pensamento.”

Retomo a frase de Kant “O sublime comove, o belo encanta”. Eis uma diferença no ponto de ultrapassagem que o passe pode verificar, perturbando a crença de que a psicanálise, sua práxis, a escola, são belas.

REFERÊNCIAS

BAAS, Bernard [1992]. *O desejo puro*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 2001.

FREUD, Sigmund [1916]. Sobre a transitoriedade. Rio de Janeiro: Imago. Coleção *Standard Brasileira*, Vol. XIV. 1974.

KANT, Emmanuel [1764]. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. São Paulo: Papirus, 1993.

LACAN, Jacques [1959-1960]. *O seminário – A ética da psicanálise*. Livro VII. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

[1972-1973]. *O seminário – Mais, ainda*. Livro XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

[1973]. Sobre a experiência do passe. In: *Documentos para uma Escola II - Lacan e o passe*. Rio de Janeiro: Revista Letra Freudiana, ano XIV, nº 0.

[1980]. D'écologie. In: *Documentos para uma Escola* Revista Letra Freudiana, ano I, nº 0.

LYOTARD, Jean-François [1991]. *Lições sobre a analítica do sublime*. São Paulo: Papirus, 1993.

THE BEAUTY AND THE SUBLIME

ABSTRACT:

The text approaches the beauty and the sublime under the perspective of its intersections and of its function as barrier (the beauty), and as path to the reaching of desire (the sublime). From the kantian contribution to the notion of the Sublime along with the anxiety affect which characterizes it, the concept of sublimation can be taken as a form of well saying, which participates of a tragic-baroque esthetic, according with an impure desire ethic. Thereafter the text approaches the consequences of this elaboration on the transmission of the psychoanalysis and the formation of the analysts.

KEYWORDS: Beauty. Sublime. Ethic. Desire. Anxiety.

LE BEAU ET LE SUBLIME

RESUMÉ:

Ce texte aborde le beau et le sublime sous les perspectives de leur intersection et de leur fonction de barrière – le beau – e de voie d'accès au désir – le sublime. A partir de la contribution kantienne à la notion de sublime, et en considérant l'affect d'angoisse qui le caractérise, on peut prendre le concept de sublimation comme une forme de bien dire qui participe à une esthétique tragique et baroque, en consonance avec une éthique du désir impur. A la suite, le texte aborde les conséquences de ce rapprochement dans la transmission de la psychanalyse et dans la formation des analystes.

MOTS-CLÉS: Beau. Sublime. Éthique. Désir. Angoisse.

Recebido em 20/02/2008

Aprovado em 10/05/2008

© 2008 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura
CEP: 36036-330 – Campus Universitário – ICH – UFJF
Juiz de Fora, MG – Brasil.
Tel.: (32)2102 3117

revista@psicanalisebarroco.pro.br www.psicanalisebarroco.pro.br/revista